SEMPRE QUE EU OUVIA o canto das cigarras, me pegava olhando para o horizonte, apenas sentindo a presença delas. Em momentos assim, eu me afastava do presente e me permitia um pouco de liberdade.

Ah, tanto faz. Calcei meus sapatos, me ajeitei e esperei uns cinco segundos ou mais. Nada além do zumbido das cigarras.

“Hmm. Bem, acho que vou correr até a loja,” anunciei para a porta à minha frente. De repente, passos ecoaram do meio do corredor, como se ela tivesse se teletransportado.

“Vou te acompanhar, Mamãe-san!”

“Ooh, hoje você é um golfinho.”

Me virei e encontrei um alienígena vestido de golfinho vindo na minha direção com tudo. Ela saltou em um ângulo inumano, passando por cima da minha cabeça e aterrissando graciosamente bem na frente da porta. Tudo isso estava ótimo, mas...

“Calce seus sapatos primeiro.”

“Ah, acho que fui rápido demais.”

O golfinho voltou, calçou as sandálias de borracha que eu tinha comprado para ela. As unhas dos pés dela eram azul-céu, brilhando levemente, tão suavemente moldadas que parecia que ondas fluíam dos seus dedos. Eu a levantei e a coloquei nas minhas costas, depois senti ela subir até meus ombros. Descobri recentemente que essa era uma forma muito mais fácil de viajar com ela do que deixá-la correr solta. Ela não pesava quase nada e, para falar a verdade, podia até flutuar no ar. Na realidade, ela só ficava nos meus ombros por questão de formalidade.

“Segura firme, tá bom?”

“Tááááááá!”

Eu já tinha ouvido falar de um garoto em um golfinho, mas um golfinho em uma mulher? Isso sim era raro. E assim saí de casa me sentindo uma VIP.

Lá fora, o sol que subia havia aumentado a temperatura, e a manhã fresca tinha evaporado. Sem pensar muito, apontei o dedo indicador para o ar como uma antena captando o canto das cigarras. Enquanto elas zumbiam em uníssono, a vibração despertava minhas memórias — como se alguém tivesse aberto a caixa de papelão onde eu havia jogado desordenadamente todos aqueles verões passados. Quando voltei ao presente, notei um vislumbre de barbatanas mexendo dos dois lados da minha cabeça.

“Sabe, faz tempo que não vejo um golfinho desde aquela excursão ao aquário na escola primária.” E não falo da excursão das minhas filhas — estou falando da minha própria. *Talvez devêssemos voltar lá algum dia, em família...*

“O aquário, é?”

“Já foi?”

“Não, mas uma vez eu vi na TV enquanto assistia com o Papai-san.”

“Oh, é mesmo...” Sem pensar muito, decidi que, se aparecesse a oportunidade, eu levaria essa criança com a gente.

Quem passava na rua fazia cara de surpresa e olhava de novo, o que achei meio cômico. Um golfinho, em terra firme, com o rosto de uma garotinha dentro da boca. Pura diversão.

“Tá bom, golfinho, me conta uma coisa,” pedi entediada enquanto esperávamos no sinal vermelho.

Havia tanto sobre essa pequena aproveitadora que me despertava curiosidade — eu poderia aprender trinta fatos novos sobre o espaço só indo até a loja e voltando! Tentei me gabar para meu marido sobre isso, mas tudo o que ele disse foi: “Que legal, querida.” Esse “querida” me irritou de verdade.

“Que tal você terminar de me contar aquela coisa do outro dia?”

“Que ‘coisa’?”

“Sei lá. Esqueci.” Ri, mesmo contra minha vontade. “Faz o seguinte: você escolhe o assunto e a gente finge que é a tal coisa do outro dia.”

“Então, deixa eu ver... Que tal eu te contar sobre a vez que a Pequena me deu comida de peixe?”

“Ei, isso não é sobre espaço!”

Mas parecia uma história engraçada, então fui caminhando, ouvindo até chegarmos ao nosso velho supermercado favorito. Estava um pouco frio lá dentro, mas o cheiro de frutos do mar me ajudou a despertar. Uma faísca de excitação percorreu minha pele como eletricidade estática, derretendo meus pés e sapatos em algo mais leve.

“Mamãe-san, a seção de doces é por ali!”

“Receio que hoje não vamos até lá, querida.”

“Não vamos? Hmmm...” O golfinho murmurou enquanto andávamos pela seção de frutas e verduras. Então, ela estendeu uma barbatana discretamente. “A padaria é por ali.”

“Parece que meu GPSzinho tá com defeito.”

Pensando bem, até que seria divertido ter um GPS que só desse direção para onde *ele* quisesse ir. Como se fosse uma segunda versão de mim.

“Não, espera... Eu já tive um desses uma vez...”

Um pequeno gremlin que tentava me puxar pela perna até a seção de doces. *Por aqui, mamãe!* Aí eu a agarrava pela gola da roupa e a carregava até lá enquanto ela gritava de alegria. Será que foi essa experiência de fazer compras com criança que me deixou com vontade de sentir a nostalgia? Nem minha caçula não vinha mais comigo...

Agora entendi. Cutucando a barbatana do golfinho.

“O que foi?”

“Nada.”

Ao passarmos pelo açougue, fiz contato visual com a velhinha que trabalhava lá. Ela era tão baixinha que era preciso olhar por cima do balcão para ver mais que o topo do seu chapéuzinho.

“E aí!” acenei, adiantando um cumprimento estilo surfista.

“Ora, ora!” Os olhos dela se arregalaram ao ver o golfinho nos meus ombros. “Não está quente demais pra isso?”

“Não, ela me mantém fresca no verão.” O frescor dela era suave, nada parecido com o frio congelante do inverno. Era mais como uma gelatina delicada, talvez.

“Olá, senhora!” cumprimentou o golfinho. Elas já se conheciam o suficiente para trocar algumas palavras.

“Vocês duas são grudadas uma na outra, não são?” a velha mulher comentou.

“Mamãe-san é uma boa amiga.”

“Amiga? Mas ela é sua mãe.”

“Não tem nada de errado em ser os dois,” eu dei de ombros.

Ser mãe não me dava direito ao amor incondicional de ninguém. Cada pessoa precisava descobrir o que queria de um relacionamento com a mãe e então traçar o caminho para isso. Então, se uma filha minha quisesse ser minha amiga, eu respeitaria isso. Poxa, mesmo que ela quisesse namorar comigo, eu ao menos a ouviria.

Enquanto nos afastávamos da seção de carnes, o golfinho começou a olhar para o meu rosto. Outro aspecto novo dessa dinâmica: ter um brilho azul orbitando minha cabeça. “É realmente tão estranho ser amiga sua?”

“Não, de jeito nenhum.” Um sorriso se abriu no meu rosto.

“Hee hee hee! Nós somos inseparáveis!” ela anunciou enquanto tocava a minha cabeça como se fossem tambores, com aquelas nadadeiras pequenas.

“É, eu diria que somos boas amigas, mais ou menos.”

“Isso parece exatamente o que a Shimamura-san diria.”

“...Heh heh heh!” *É, bem, eu sou meio que uma Shimamura-san também.*

Depois que passamos no caixa, fomos para o espaço estreito ao longo da parte externa da loja. Ali, coloquei minha cesta na mesa e comecei a colocar as compras nas sacolas — mas com a cabeça inclinada para baixo, a nadadeira da cauda do golfinho continuava balançando e me batendo na cara.

“Desce daí um pouco.”

“Okaaaaay!”

Senti ela deslizar pelas minhas costas até o chão. *Consegue acreditar? Um golfinho com pernas!* Como ela não parava de me olhar, então peguei o rabanete *daikon* e levantei.

“Ebaaaa!” Por alguma razão, ela ergueu as nadadeiras em comemoração.

Então eu abaixei.

“Eca.” Por algum motivo, ela se encolheu.

Era óbvio que ela estava reagindo aleatoriamente, mas eu gostava daquilo. Ser previsível era coisa de careta. Depois de entretê-la por um tempo, terminei de colocar as compras nas sacolas. “Tudo certo, vamos pra casa.”

“Ebaaaa!” Ela pulou nas minhas costas com a mesma animação que demonstrou pelo rabanete.

“Isso me lembra — seus pais nunca ficam preocupados com você?”

“Como é?” perguntou o golfinho enquanto deslizava as pernas de volta sobre meus ombros.

“Você passa todos os dias na nossa casa. Eles nunca querem passar um tempo com você?” Como mãe, não pude deixar de pensar nisso.

“Minha mamãe e meu papai, quer dizer? Mmmmm... difícil dizer.”

“Como assim?”

“Ambas as opções parecem igualmente prováveis.”

“Ah. Então eles são flexíveis.” Honestamente, toda a situação parecia complicada. Eu até queria conhecê-los.

E assim eu andei para casa com o golfinho nos meus ombros, recebendo ondas amigáveis e olhares horrorizados na mesma medida. O pequeno criptídeo parecia absorver todo o calor ao redor do meu rosto, aliviando aquela sensação de estar andando dentro do bafo quente de um cachorro. Que conveniente!

Acabei parando na passagem ferroviária, apesar de não ter trem se aproximando. Então, depois de conferir o quadro negro na frente para ver se estavam abertos…

“Que tal eu te levar a um café chique pra variar?”

“Chique?!”

Ela fez uma pose de vitória, e eu sorri. Os padrões de pensamento e a linguagem corporal dela eram idênticos aos da minha filha quando ela era pequena.

“Tem uma faixa que diz que eles têm raspadinha,” a alienígena comentou em voz alta.

“Chique demais, né?”

“Ooooh,” ela murmurou, como se impressionada com a cultura dos terráqueos.

Pois é. Mais um dia fingindo ser chique.

Era um café pequeno e antiquado, com apenas duas mesas e alguns assentos no balcão. O interior era predominantemente marrom — não dava para saber se era por causa dos móveis de madeira ou pelo passar do tempo. O clima geral podia ser descrito como “caverna com coisas dentro”, mas para um dia de verão, talvez fosse perfeito mesmo.

“Bem-vindo!” gritei antes que o dono pudesse, só para causar. O velho levantou o olhar bruscamente do balcão, a irritação evidente. Exatamente como eu esperava, sua careta azeda indicava que ele não estava feliz em me ver. “Adivinha? Hoje eu sou cliente! Não é demais?”

“Você não tem noção do volume da sua voz?”

“Não, nenhuma!”

“Então eu te invejo. E em segundo lugar…” O olhar dele se voltou para o golfinho, onde ficou fixo.

“Olá, senhor!”

“…Olá. Nunca pensei que viveria o bastante pra conversar com um golfinho.” Parecia se divertir — e facilmente convencido. “Sempre soube que você era meio esquisita, mas imaginar que tinha um peixe de filha…”

“Na verdade, meu marido é oitenta por cento tritão, então sim.”

“Agora tudo faz sentido.”

Se você diz, amigo. Mas golfinhos não são peixes.

“Meu nome é Chikama Yashiro!”

“Ah, então esse é seu nome.” Eu nunca soube disso! Bem, alguém provavelmente me contou em algum momento, mas esqueci. Afinal, nunca precisei usar.

Geralmente, eu conseguia lembrar dos rostos com facilidade, mas os nomes simplesmente não grudavam. Por exemplo, eu só tinha uma vaga lembrança do nome da mãe da Adachi-chan. *Era… Ou…ka? Ouka? Isso, Ouka. Um nome bem sofisticado.*

“Você não sabia? Que tipo de mãe você é?”

“Estou em processo de melhora. Vai lá, garota, pede o que quiser,” eu disse ao golfinho. *O que golfinhos bebem, afinal? Água do mar, acho?*

“Se esse é um café chique, então eu quero um frappuccino!”

“Ooooh, você realmente entende das coisas.”

“Heh heh heh… Papai-san tentou pedir isso pela televisão ontem à noite.”

“Bem, aqui não tem isso.”

“Q u ê ? !”

“Olha o cardápio. Nada de *frap*, nada de *puccino*.”

Pensando bem, provavelmente tinha um *puccino* escondido em algum lugar ali. *Frap* parecia mais algo que você pediria no Doutor.

(Nota: *Doutor Coffee* é uma empresa de varejo japonesa especializada em torrefação de café e franchising de cafeteria. Foi fundada por Toriba Hiromichi.)

“Olha quem fala, já que nunca tomou um *frap* nem um *puccino* na vida,” o velho resmungou.

“Como é que é? Saiba que eu tomo café com adolescentes todos os dias.” Isso era tecnicamente verdade. Esquece o *frappu-sei-lá-o-quê*. “Ei, que tal você pedir a raspadinha? Parece ser do seu gosto.”

Tenho quase certeza de que nunca tentei fazer isso para as crianças em casa. Além disso, queria ver se esse lugar realmente servia, ou se a placa era só decoração.

“É chique?”

“O mais chique possível, companheira.”

“Nesse caso, eu vou querer a raspadinha.”

“Uma raspadinha, pra já!”

Meu Deus, eles realmente têm. Fiquei um pouco impressionada. “Me faça um curry katsu!”

“Abracadabra, agora você é um curry katsu. Imagino que vai querer um café gelado.”

“Na verdade, eu queria algo relacionado a katsu...”

Ele me mandou sentar, e ao baixar a mão, beliscou brevemente a cauda do golfinho. Evidentemente, estava curioso sobre aquilo.

Quanto ao golfinho, ele pulou por cima do meu ombro e pousou perfeitamente em uma cadeira. Ela provavelmente poderia arranjar um emprego como artista de rua sem precisar de treinamento... ou um emprego no aquário... mas lá só contratavam golfinhos, e ela provavelmente seria uma girafa ou um tigre amanhã... e o aquário da nossa casa era pequeno demais para peixinhos... *Meh.* Esse plano era cheio de contratempos, então logo o descartei.

“Olha pra mim, relaxando em um café chique. Claramente, eu já me acostumei com este planeta. Keh heh heh!” Ela cruzou as nadadeiras de forma presunçosa sobre o peito.

Pensando bem, o que a trouxe para a Terra, afinal? Turismo? Eu a observei do outro lado da mesa enquanto colocava cuidadosamente as sacolas de compras ao lado da minha cadeira.

Mesmo à luz do dia, eu conseguia ver os limites do espaço em seus olhos. Galáxias sem nome giravam em um vórtice enquanto inúmeras estrelas desconhecidas brilhavam e desapareciam. A luz dançava e se fundia formando padrões complexos dentro das íris. Tudo isso, no fim, drenava para as pupilas no centro. E daquela escuridão profunda, uma nova luz — uma nova galáxia — nascia.

Para essa metamorfose, não havia fim, apenas começos ilimitados. Era cósmico, misterioso e... uh... *golfinho*.

“Com certeza, um ser pra lá de estranho.”

“Ho ho ho! Nada tão estranha quanto você, Mamãe-san.”

“Com licença?!”

Ela estaria querendo insinuar que uma mãe suburbana comum seria, de algum modo, mais estranha do que um golfinho sentado elegantemente num café chique? Se eu perguntasse ao meu marido, ele provavelmente concordaria com ela. Um tempo atrás, ele me chamou de vanguardista, e eu nem cheguei a fazer uma aula de esgrima! *Se liga no meu nível.*

“Enfim, voltando ao assunto dos seus pais. Você não sabe quem eles são?”

“Bem, eu pensei sobre isso, mas... acho que não existe ninguém que eu possa razoavelmente chamar de mãe ou pai.”

“O quê?”

Agora eles nem existiam? Eu precisava de respostas, e como teríamos que esperar pela raspadinha de qualquer jeito, o pequeno golfinho decidiu me contar sua história.

“Num passado não muito distante, éramos todos uma única entidade; quando o mundo tomou forma, simplesmente... surgimos. Mas por algum motivo — talvez por necessidade, talvez não — nos dividimos em vinte e oito indivíduos. No começo, só o recipiente principal tinha livre arbítrio, mas isso evoluiu nos demais com o tempo, ou pelo menos foi o que me contaram. Eu fui uma que demorou a despertar, então não tenho todos os detalhes. Mas quando nós todos, os vinte e oito, desenvolvemos nossa própria consciência, percebemos que não sabíamos como deveríamos nos fundir de volta.”

“Hah! Idiotas!” Como desmontar um relógio quebrado sem saber como montá-lo de novo!

“Então desistimos da ideia e começamos a vagar pelo universo.”

“Então existe um bando de vocês por aí? Acho que vou ficar cega de tanto brilho.”

“Alguns flutuam pelo espaço, outros estão em estado de suspensão, outros andam por aí com uma lança... Todos vivem como querem.”

“E um come raspadinha grátis.”

“Ho ho ho!” O golfinho esvaziou todo o copo d’água, depois sacudiu o gelo no vidro só por diversão.

“Se você está por aí desde o nascimento do universo, então já viveu bastante tempo, né?” *É o que eu imagino.*

“Faz aproximadamente seiscentos anos desde que desenvolvi uma consciência própria, mas espero funcionar por cerca de oitocentos milhões. Depois disso, entrarei em um período dormente.”

“Um *o quê*?”

“Por aproximadamente vinte mil anos, cessarei todas as funções e regenerarei minhas micropartículas. Depois disso, retomarei as atividades como antes.”

“Uau.” Ela soltava números que eu queria ver nos meus extratos bancários. “Você vai funcionar por mais oitocentos milhões de anos depois disso?”

“É o que eu espero.”

“Então você tá dizendo que é imortal.”

“Imortal...?”

“Ou seja, você não vai envelhecer nem morrer, certo?” Eu estava com bastante inveja, mais do primeiro do que do segundo.

“Sim, acho que se pode dizer isso,” ela respondeu com um aceno despreocupado.

Essa pequena criatura era mais impressionante do que eu imaginava só de olhar para ela. E pensar que Hougetsu a trouxe do nada... sem falar da esquisita da Adachi-chan. Talvez minha filha fosse mesmo um ímã para estranhos.

“É estranho ser imortal?”

Essa pequena alienígena parecia muito preocupada com a opinião dos outros. Se ela queria viver na sombra como dizia, por que usar aqueles macacões de bichos? Será que só queria provocar uma reação? “Quer dizer, é inumano, isso eu posso dizer.”

“Hee hee hee! Eu não sou humana também?” ela perguntou, como se me desafiando para uma batalha de inteligência. Então a olhei de cima a baixo, e...

“Não, você é um golfinho.” *E ontem você era uma água-viva.*

Ela olhou ao redor da sala, mexendo as nadadeiras, depois sorriu brilhante. “Touché.”

“Eu realmente deveria começar a fazer esgrima, né?”

Aparentemente, ela queria mesmo provocar uma reação. Demorou para soltar a piada, mas deixa para lá. Enfim, se ela não tinha mãe nem pai, eu estava feliz em ser a Mamãe-san dela pelo futuro próximo.

Enquanto continuávamos nossa conversa casual, a raspadinha chegou junto com meu café gelado. Aquele velho carrancudo provavelmente traria um café quente independentemente do meu pedido, então fiquei surpresa ao ver que desta vez estava realmente gelado. Quanto à raspadinha, veio servida numa tigela transparente e resfriada — sem frutas ou sorvete por cima. Então ele colocou três garrafas de calda: vermelha, azul e verde. “Pode adicionar o sabor que quiser.”

“Ebaaaa!”

“Ei, por que ela recebe tratamento VIP?!” E isso vindo do mesmo cara que se recusou a trazer leite ou açúcar para mim!

Ele olhou para a cabeça do golfinho e respondeu sem expressão: “Porque eu gosto de golfinhos.”

“E eu?”

“Na minha idade, receio que não consiga mais aguentar curry katsu.”

“Que pena pra você, então.” Quase pensei em colocar a calda no meu café.

Depois de um momento de hesitação, o golfinho pegou uma garrafa e inundou a montanha de gelo, tingindo-a de um azul vibrante — quase como uma metáfora para a presença dela aqui na Terra. “Com licença, vou agora me servir.”

“Fique à vontade.”

“Você gostaria de... algum tipo de... retribuição?” ela perguntou, hesitante.

“Retribuição?” repeti.

“Se você tiver algum pedido, me avise. Acredite ou não, sou bastante capaz.”

“Só não quando se trata de tarefas domésticas.” Seja lavar louça ou passar pano, ela sempre parecia arranhar tudo.

“O que você desejar, eu posso realizar,” ela insistiu.

“Certo,” respondi cética. “Olha, eu sonho dominar o mundo tanto quanto qualquer garota, mas... isso é algo que você deve fazer por conta própria? Tipo, se você quiser me dar nove trilhões de ienes, aí é outra história... Quero dizer, obviamente não diria não a nove trilhões de ienes! Mas dominar o mundo é difícil de recusar...”

“Uhhh…”

A boca dela ficou aberta, visivelmente confusa. Para ser justa, essa diferença estava difícil de explicar em palavras. Talvez fosse tudo uma questão de processo versus resultado... *Argh, já estou velha para isso.* “Meu ponto é: um dia eu vou dominar o mundo!”

“Oooooh!”

“É bom continuar pagando pela comida mesmo depois de virar a chefona,” comentou alguém do fundo.

“Ugh, você não tem graça.” *Pensando bem, esquece.*

Sonhos futuros fazem mais sentido quando você é criança e tem muitos anos pela frente, mas na minha opinião, adultos também precisam ter um sonho. Quanto à outra opção, nove trilhões de ienes — pedir dinheiro para uma alienígena era pedir para dar ruim. Se ela duplicasse as notas que eu tinha, eu acabaria presa por falsificação, e ainda me chamariam de Miss Eurega do ano que vem.

“Ah, já sei. Que tal você me dar uma colherada da sua raspadinha?” Como golfinhos, era algo que eu não experienciava há anos, mas talvez fosse hora de corrigir isso. “Esse é todo o ‘pagamento’ que eu precisaria de você.”

Além disso, ela estava comendo por minha conta, então francamente, não tinha direito de recusar.

Ela parou por um momento, sorriu, pegou uma colher com sua nadadeira azul brilhante e levou uma generosa colherada do gelo azul na minha direção. “Devo dizer que gosto desse seu lado, Mamãe-san.”

“Ah é? Pois eu digo que todos os meus lados são incríveis!”

Neh heh heh heh heh heh!